O PROCESSO FORMATIVO DE DUAS MÃES-PESQUISADORAS: ENTRELINHAS MATERNAS E CIENTÍFICAS

III Simpósio Brasileiro sobre Maternidade e Ciência, 3ª edição, de 06/12/2021 a 10/12/2021
ISBN dos Anais: 978-65-81152-32-1

BORGES; Daiane Ramos [1], BARELLA; Natália Eilert Barella [2]

RESUMO

O presente trabalho busca partilhar as subjetividades, desafios e descobertas no percurso da pesquisa, de duas mães mestrandas, em tempos de pandemia e de rede de apoio limitada. Através dos caminhos escolhidos para as dissertações (uma em Letras e Cultura e uma em Educação), algumas questões foram se mostrando cruciais, como a falta de representatividade feminina nas fontes teóricas e a invisibilidade da realidade materna dentro dos processos de pesquisa acadêmica.

Segundo a teórica Grada Kilomba (2019) existe muita potência quando podemos, finalmente, falar a partir de nossas histórias, a partir da linguagem do que vivemos, a partir de quem somos. Segundo ela, "não havia nada mais urgente para mim do que sair, para poder aprender uma nova linguagem. Um novo vocabulário, no qual eu pudesse finalmente encontrar-me. no qual eu pudesse ser eu." (KILOMBA, 2019, p.11).

Desta forma e baseadas em nossas experiências como dançarinas, professoras e mães (além de pesquisadoras) entendemos que, falar a partir de nós passa por falar sobre a maternidade na sociedade brasileira de 2021, nas produções acadêmicas (que cobram prazos e produtividade iguais para todos) e dentro de nossos fazeres artísticos e pedagógicos, expressos através da dança, da música, da escrita e da arte-educação.

Como escrever com (e não sobre) dança e maternidade dentro de um corpus acadêmico, que seja reconhecido e validado pela comunidade científica? Como realizar uma pesquisa participante, a partir da perspectiva da educação social, que contemple um olhar integral para os sujeitos nela envolvidos? E como inserir essas experiências dentro da academia para que a vida, enquanto fenômeno, permeie-a com mais força e mais vozes sejam ouvidas?

Ao buscar responder esses e outros questionamentos, nos movimentamos, construindo novas relações e focando nossos esforços acadêmicos em questões antes reservadas ao espaço feminino e privado. Desta forma, nós e nossas filhas, aprendem novos passos e retomam lugares que nos pertencem, ainda que muitas vezes nos sejam negados.

A construção da identidade da pesquisadora (STECANELA, 2012) está intimamente ligada à percepção do cotidiano, o contexto sobre o qual este se constrói, processos pessoais vividos antes, durante e após a pesquisa. O próprio objeto de pesquisa apresenta-se como uma escolha pessoal daquilo que mobiliza, incomoda, inquieta quem deseja estudá-lo. Se compreendemos que a pesquisa não pode estar separada do sujeito, então, não se pode separar também a experiência parental dos pesquisadores e pesquisadoras.

A maternidade nos atravessa, é uma experiência que não possui caminho de retorno. A partir da perspectiva adotada por Jorge Larrosa Bondía, experiência é aquilo que nos passa, atravessa nossa

[1] Universidade de Caxias do Sul , drborges1@ucs.br
[2] Universidade de Caxias do Sul, nebarell@ucs.br

forma cotidiana de agir no mundo, de pensar o mundo e de relacionar-se com o mundo, produzindo sentidos polissêmicos e por vezes contraditórios acerca de si mesma. É neste contexto que compreendemos a experiência da maternidade: um fenômeno que desdobra-se de maneira complexa e contínua, produtor de afetos, de dissonâncias emocionais, teóricas e simbólicas. A maternidade extrapola os conceitos que dela buscam exaurir significados, pois apresenta-se a partir do seu caráter de novidade e singularidade. Quando nasce um bebê, nem sempre nasce uma mãe. Tal expressão nos convida a refletir: quando morre um bebê, uma mãe morre também? Os limiares para compreender o fenômeno da maternidade na vida das mulheres ultrapassa a compreensão racionalista e direciona-se muito mais a escuta das mesmas, a partir de suas legítimas experiências e os sentidos produzidos pelas mesmas.

A gestação pode ser planejada e desejada enquanto uma maternidade ideal, no entanto, a maternidade que se constrói no cotidiano é uma aprendizagem que se dá na convivência e no conhecer (MATURANA, 2002). Transformamo-nos em outras mulheres na medida em que gestamos, parimos e aprendemos a amar um filho que vai construindo-se como um ser humano, na medida em que nos vê e vê seus outros pares. Aquilo que fazemos, aquilo que sentimos e criamos atravessa também a criação de nossos filhos e isto se torna um motivo a mais para lutar, pois, é desejo nosso que o mundo os acolha quando não estivermos mais aqui para fazer isso.

A dança, a poesia, a educação são áreas que nos permitem manifestar aquilo que percebemos e não podemos aceitar, acompanhadas de outras autoras e autores, pensadoras e pensadores, revolucionárias e revolucionários, que compreendiam a insanidade de aceitar o mundo como ele anda sendo (FREIRE, 2001). As pesquisas em arte e ciências humanas, protagonizada por mulheres e mães, apresenta-se como resistência aos valores capitalistas que desdobram-se em múltiplas formas de opressão: racismo, machismo, xenofobia, homofobia, gordofobia, entre outros tantos mecanismos de controle, compreendidos como ferramentas da necropolítica (MBEMBE, 2016).

Em um país desigual, racista e sexista como o Brasil, a maternidade que vincula-se com a carreira acadêmica ainda é uma maternidade branca e privilegiada. Este movimento de resistência não é apenas uma conquista mas é também um campo permanente de lutas, pois o que evidencia-se às mulheres é que seus direitos precisam estar sempre sendo afirmados, quase sempre de maneira incisiva, para que não sejam retirados.

Acreditamos que a luta por visibilidade e rede de apoio no meio acadêmico é uma urgência que se manifesta em vários âmbitos, na medida em que as demandas maternas extrapolam as funções profissionais. As mulheres mães enfrentam a aprendizagem das várias exigências acadêmicas simultaneamente ao trabalho de alimentar, ouvir, brincar, limpar, cozinhar, organizar uma casa habitada por uma família com um ou mais filhos. São processos exaustivos que acumulam-se e por vezes não são levados em consideração no momento de entrega de trabalhos e apresentações ou faltas que não se justificam. A denúncia da sobrecarga mental e física, no entanto, é encarada como sinônimo de prestígio para aquelas que dão conta, que são guerreiras e que conseguem corresponder com as demandas da academia, mas há um silêncio cabal que não questiona se as mulheres intituladas de guerreiras querem continuar sendo exploradas e sobrecarregadas.

Não há prestígio social e simbólico em assumir demandas que são de responsabilidade comum, não há glória em dar conta das demandas externas sentindo-se emocionalmente esgotada. A expectativa irreal em relação à maternidade está normalizada pela sociedade e quando mães decidem investir - ou resistir - em uma carreira acadêmica, deparam-se com estas e outras inúmeras dificuldades que não diminuem ou encontram acolhimento, pelo contrário: somam-se. Como devolução ou resistência a esta imagem cristalizada de uma mãe que dá conta, é necessário escrever com a maternidade, no tempo da maternidade e também fora dela e do tempo dela, visto que como mulheres, possuímos também uma individualidade que precisa ser fortalecida e que é saudável para nós e para nossos filhos.

É preciso reivindicar por nossos espaços de fala, que denunciam opressões sobre nós e nossas crianças. É preciso ocupar espaços físicos e virtuais com nossas histórias de luta que não podem ser silenciadas. É preciso “bancar” estas experiências como significativas e relevantes para o meio

[1] Universidade de Caxias do Sul , drborges1@ucs.br
[2] Universidade de Caxias do Sul, nebarell@ucs.br

acadêmico, pois as mães continuam a gestar, parir e criar os novos filhos que vão chegar a este país, sem a devida valorização e rede de apoio que necessitam e merecem.

REFERÊNCIAS

FREIRE, Paulo. **Política e Educação**. São Paulo: Cortez, 2001.

KILOMBA, Grada. Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano. Rio de Janeiro: Cobogá, 2019.

LARROSA, Jorge. Tremores: Escritos sobre a experiência. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2018.

MBEMBE, Achille. Necropolítica. **Arte & Ensaios**, Rio de Janeiro, v. 32, p. 123-152, dez. 2016.

MATURANA, Humberto. **Emoções e linguagem na educação e na política**. Belo Horizonte: Editora Ufmg, 2002.

STECANELA, Nilda (org.). **Diálogos em Educação**: a escolha do método e a identidade do pesquisador. Caxias do Sul: Educs, 2012.

PALAVRAS-CHAVE: maternidade, cultura, letras, educação

[1] Universidade de Caxias do Sul , drborges1@ucs.br
[2] Universidade de Caxias do Sul, nebarell@ucs.br